

## ASSASSINOS NO “NOVO NOIR”: OS VILÕES DE JAMES ELLROY NA SÉRIE *QUARTETO DE LOS ANGELES*

Michelly Cristina da Silva (CAPES/FFLCH-USP)  
Júlio César Pimentel Pinto Filho (orientador)

### Resumo

O *hard-boiled*, variação de origem norte-americana do gênero policial, explorou ao máximo a fúria e a determinação com que os detetives partiam rumo à investigação. A narrativa priorizava o ponto de vista do investigador, em detrimento da perspectiva ou da fala do assassino. Muitas vezes o algoz só “existia” quando estava a ponto de ser descoberto e, em grande parte das vezes, morto. No chamado “novo *noir*”, termo trazido da literatura policial de origem francesa e italiana, novas experiências narrativas têm sido testadas, o que, do ponto de vista do “vilão” das histórias, representou mais atenção e até em alguns casos protagonismo. O escritor norte-americano James Ellroy pode ser considerado um representante dessa safra de autores “neo *noir*” e aqui propomos uma análise dos assassinos de sua tetralogia *Quarteto de Los Angeles*. Interessa-nos saber qual o papel e a importância designados por esse autor a esses homens e mulheres que tão brutalmente condenam uma vida.

**Palavras-chave:** James Ellroy; Los Angeles; assassinos; novo *noir*; *hard-boiled*.

Nesta comunicação tentarei apresentar algumas características dos assassinos e o antagonista da tetralogia que estudo em minha pesquisa de Doutorado, até o momento intitulada **MEU LUGAR ESCURO: aproximações entre Literatura e História com o *Quarteto de Los Angeles*, de James Ellroy.** Os livros que compõem essa tetralogia são “Dália Negra”, de 1987, “O Grande Deserto”, de 1988, “Los Angeles – Cidade Proibida”, de 1990 e “Jazz Branco”, de 1992. Escritos na passagem dos anos 80 para os 90, as histórias dos quatro romances se passam entre os anos de 1943 a 1959. Como a sua denominação anuncia, os livros têm a região metropolitana de Los Angeles como cenário por excelência e estão conectados através de alguns pontos, a saber, 1 - todos os investigadores dos assassinatos são da Polícia de Los Angeles ou do Departamento do Xerife ( polícia que investiga crimes cometidos nos condados limítrofes à cidade de Los Angeles), 2 - personagens que aparecem em um dos romances são citados na história precedente e, acredito o elemento mais importante, 3 - a figura do policial Dudley Smith, capitão da polícia, que será revelada como a grande antagonista da tetralogia, uma vez que está comprometido em tornar-se clandestinamente o novo chefe do crime organizado da parte sul da cidade, liderando o fornecimento de drogas, os lucros dos jogos de azar e a rede de prostituição na região. Smith organiza-se e assim explica a seus interlocutores por

uma lógica de contenção – ideia que se repetirá inúmeras vezes nos quatro romances. A ideia pode resumir-se numa tentativa de restringir o crime a determinada zona da cidade ao mesmo tempo que o lidera. É preciso lembrar que o sul de Los Angeles é historicamente tido como uma zona conflituosa da cidade, com grande número de residentes afro-descentes e pouquíssima ação do Estado. Podemos também dizer que o interesse de um capitão da polícia em tornar-se o rei do crime de uma área, ou seja um representante de uma instituição que tem por objetivo combater o “mal” é um aspecto de ruptura com obras da literatura policial, como o romance de enigma do século XIX e até mesmo com o hard-boiled norte-americano do século XX.

Quando nos referimos à ruptura queremos dizer que Smith personificaria de forma mais complexa, duradoura (pois é um personagem nos quatro romances) e completa a maldade, a corrupção e a perversidade em uma cidade igualmente corrompida. Não deixa de ser interessante notar que Ellroy não posiciona o antagonista da série no submundo do crime, mas no meio da instituição criada supostamente para detê-lo, a polícia.

James Ellroy é um autor norte-americano natural de Los Angeles. Ele está vivo, publicou seu último livro em 2014, *Perfidia* – que inclusive inaugura o que será o Segundo Quarteto de Los Angeles –, mas é um autor que situa seus livros entre as décadas de 40 e 70 nos Estados Unidos. Sendo assim, não há nenhuma trama que tenha cidades norte-americanas no presente ou eventos recentes da história daquele país. Ellroy escreve histórias policiais, tendo lançado ao longo de sua carreira – trajetória que começou em 1981 – vinte romances e duas biografias. Outra característica que gostaria de chamar a atenção sobre esse autor é que com Sangue na Lua, seu livro de 1984, Ellroy iniciou uma tendência de lançar livros em série – trilogias e tetralogias – com personagens recorrentes nessas histórias.

O gênero policial já foi objeto de pesquisa de inúmeros estudos e já há inclusive uma articulação entre aqueles que estudam a obra de Ellroy propriamente dita. Em 2015, por exemplo, foi celebrado na Inglaterra, em Liverpool, o primeiro encontro de pesquisadores que se dedicam exclusivamente à obra do autor norte americano, numa conferência intitulada “James Ellroy: visions of noir” ou “James Ellroy: visões do noir”.

Então falemos um pouco sobre o estilo do romance policial praticado por James Ellroy. O gênero “romance-histórias-narrativas policiais” foi cunhado com a

publicação de “Os Crimes/Os Assassinatos da Rua Morgue” conto de 1841 de Edgar Allan Poe, na revista norte-americana *Graham’s Magazine*. Poe referia-se a esse texto como “um conto de raciocínio”. A essa história seguiu-se toda uma safra de autores que hoje são relacionados com Poe em desenvolver um “romance de enigma” – e aqui empresto a terminologia do crítico e romancista argentino Ricardo Piglia (sobre quem falarei mais adiante). Como nomes podemos citar Arthur Conan Doyle, G.K. Chesterton e Agatha Christie. Em tais livros, o investigador, na grande maioria dos casos um homem independente das forças policiais, e invariavelmente um ajudante – que serve muitas vezes como narrador-observador da obra, resolvem um crime pautados antes de tudo pelo raciocínio, pela lógica e pela dedução. Há uma reflexão profunda e a princípio enigmática (o investigador resolve o crime em sua cabeça e revela os detalhes do mesmo apenas posteriormente ao seu assistente e, por conseguinte, ao leitor) sobre o mistério. Esse investigador – Dupin, Sherlock Holmes, Poirot, entre outros exemplos da literatura – também na maioria das vezes adianta-se à polícia em apresentar uma solução para o crime. Na verdade, muitas vezes os policiais são representados como homens incautos e para não dizer obtusos e que tem dificuldades para acompanhar a lógica do detetive.

Como contraposição a esse tipo de narrativa (não que o subgênero se colocasse assim exatamente), começaram a surgir, inicialmente nos Estados Unidos, romances policiais que resolvem os mistérios numa chave muito diferente dos “romances de enigma”. Era o *hard-boiled* ou “literatura de alta fervura” como se refere ao mesmo o professor Júlio Pimentel. Outra designação muito comum é “literatura noir” [ou negra]. Ainda de acordo com Piglia, o *hard-boiled* teria sido cunhado com o conto de Ernest Hemingway “Matadores” (*The Killers*), de 1927, e continuado por autores como James M. Cain, Dashiell Hammett, Raymond Chandler, Ross Macdonald e Joseph Wambaugh. E quais seriam as grandes diferenças quando essas obras são lidas em comparação? De acordo com Ricardo Piglia, enquanto o “romance de enigma” resolve os crimes apoiado no raciocínio, o *hard-boiled* utilizará a experiência, isto é, a imersão do investigador na trama. Isso quer dizer que o detetive age, sai de seu escritório ou biblioteca e envolve-se com os personagens e com a história na tentativa de decifrar o assassinato. Ainda há espaço para o detetive particular, como por exemplo os investigadores Continental Op, de Hammett e Philip Marlowe, de Chandler, mas começam a surgir as primeiras histórias que têm como

protagonistas policiais, detetives, agentes do FBI, enfim, membros da força policial.

Fazendo referência à Piglia, no ensaio “Sobre el género policial”, publicado na coletânea *Crítica y ficción*, o autor estabelece algumas diferenças esses dois subgêneros da literatura policial.

Segundo Piglia:

As regras do policial clássico [isto é, do romance de enigma] se afirmam sobretudo no fetiche da inteligência pura. Antes de mais nada há uma valorização da onipresença do pensamento e a lógica imbatível dos personagens encarregados de proteger a vida burguesa. Dessa forma, a fórmula do romance é construída tendo a figura do investigador como pensador puro, como o grande racionalista que defende a lei e decifra os enigmas – e porque decifra os enigmas é o defensor da lei. (PIGLIA, 1994, p. 80)

Em contrapartida, o hard-boiled, ainda segundo o crítico argentino,

a série negra não parece ter outro critério de verdade que a experiência: o investigar se lança, cegamento, ao encontro dos fatos, deixa-se levar pelos acontecimentos e sua investigação produz fatalmente novos crimes; uma cadeia de acontecimentos cujo efeito é o descobrimento, a decifração. (PIGLIA, 1994, p. 81)

Segundo a definição de Piglia, poderíamos então classificar as obras de James Ellroy imediatamente como exemplos do hard-boiled? Sim e não. Por um lado, No *Quarteto*, como em outros livros do hard-boiled, um assassinato ou uma série de homicídios inauguram uma investigação longa e difícil; a violência e a crueldade exacerbadas dão o tom tanto na execução do(s) assassinato(s) quanto nas medidas dos policiais escalados para desvendar o(s) crime(s); e uma metrópole violenta se interpõe entre os investigadores e a solução dos mistérios: nesse caso a emblemática Los Angeles dos anos de 1940 e 1950.

James Ellroy: O que mais odeio sobre a novela policial é a sensibilidade de Raymond Chandler – “Por entre as ruas sórdidas da cidade grande, é preciso haver um homem que não tenha medo”. Por entre ruas suspeitas é preciso haver um homem que não tenha medo e faça a diferença. Há aqui um institucionalizado “senso de rebelião”, saído por sua vez de um liberalismo barato que eu desprezo. É sempre o rebelde. É sempre o detetive particular contra o sistema. Isso não me interessa. O que me interessa são os parasitas do sistema.

Paul Duncan: Aqueles que devem fazer o trabalho sujo.

James Ellroy: Exatamente. Os capangas da história. (POWELL, 2012, p.48)

A prosa de Ellroy, por outro lado, extrapola as características do hard-boiled, explorando-as ao máximo. Um dos exemplos mais clarividentes é o abuso da violência, presente em todas as esferas do romance: no detalhamento de como se deu o assassinato, nas medidas usadas pelos investigadores para chegar à resolução dos crimes – utilizando tortura, intimidação e até o próprio assassinato – e no final reservado a esses policiais que, pelo fato de se entregarem completamente à investigação, acabam arruinando suas vidas pessoais, carreiras e até mesmo sua sanidade mental e física. Assim, classificaríamos a obra de James Ellroy dentro do que se está chamando “novo noir”, quando um romance policial apresenta elementos que resulta difícil, problemático e/ou insuficiente dizer que o mesmo é da tradição analítica ou do hard-boiled. O termo “novo noir” apareceu pela primeira vez com o também escritor de romances policiais, o francês Jean-Claude Izzo, autor da trilogia de Marselha (*Caos Total*, *Chourmo* e *Solea*) e foi empregado originalmente para falar do “noir mediterrâneo”, do qual ele seria um representante, juntamente com outros nomes como Massimo Carlotto, Leonardo Sciascia, Roberto Saviano, entre outros. Pensando na realidade mediterrânea, Izzo queria caracterizar um romance de um mundo corrompido e mostrar uma porosidade entre o mundo do crime (e especialmente no “novo noir”, o mundo da máfia) e o mundo policial. Está também presente uma busca incessante – e a qualquer custo – pela verdade.

Se é possível identificar traços do “novo noir” em James Ellroy se analisamos as personagens detetivescas do Quarteto de Los Angeles, seria possível fazer a mesma suposição quando pensamos no perfil dos assassinos das quatro tramas. Todas as mortes carregam um grande traço de sadismo e os corpos das vítimas são deixados em estados grotescos. Coleman Healey, o assassino de *O Grande Deserto*, usa uma dentadura de texugo, confeccionada por ele mesmo, para morder o corpo de suas vítimas depois de mata-las.

É verdade que o gênero policial é inaugurado com a descrição de um crime hediondo: o gorila que mata mãe e filha em “Os Crimes da Rua Morgue”, mas enquanto no texto de Poe há uma preocupação maior no deciframento do crime, Ellroy explora ao máximo a violência visual dos assassinatos, descrevendo os crimes e o estado dos corpos com grande nível de detalhes.

Os episódios recorrentes de tortura e o modus operandi das mortes deixa em destaque o aspecto monstruoso e animalesco (voltemos ao exemplo do assassino de *O*

*Grande Deserto* que tem fixação pelo texugo) do ato de tirar uma vida.

As práticas grotescas desses homens e mulheres ganham de Ellroy, por outro lado, um passado e um histórico que se não vai explicá-los (seria possível racionalizar o horror?) vão dar um pano de fundo e uma origem para esses comportamentos erráticos. Essa digressão ao passado dos assassinos acontece nos quatro romances. O assassinato, o ato em si, é inexplicável, mas o desvio psicológico tem um gatilho deflagrador. Os assassinos dos quatro romances, mesmo que sem nenhum tipo de conexão entre si, acabam compartilhando infâncias e adolescências semelhantes: com dores e traumas invariavelmente relacionados ao sexo e/ou a violações sexuais, à violência e ao abandono.

O aprofundamento na origem do assassino e a relevância que o autor dá a esse movimento – essa volta ao passado – é, em última instância, um aspecto que permite destacar a singularidade do texto de Ellroy dentro do gênero literatura policial e como um dos principais expoentes ainda em atividade do “novo noir”.

## REFERÊNCIAS

### Fontes primárias

#### *Primeiro quarteto de Los Angeles*

ELLROY, James. *The Black Dahlia*. New York ; Boston: Mysterious Press, 2006. [original de 1987]

Edição em português: ELLROY, James. *Dália Negra*. Coleção Negra. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ELLROY, James. *The Big Nowhere*. New York: Mysterious Press, 1998. [original de 1988].

Edição em português: ELLROY, James. *O Grande Deserto*. Coleção Negra. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ELLROY, James. *L.A. Confidential*. New York: Mysterious Press, 1997. [original de 1990].

Edição em português: ELLROY, James. *Los Angeles – Cidade Proibida*. Coleção Negra. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ELLROY, James. *White Jazz*. New York: Vintage Books, 2001. [original de 1992]

Edição em português: ELLROY, James. *Jazz Branco*. Coleção Negra. Rio de Janeiro: Record, 2000.

#### *Segundo Quarteto de Los Angeles*

ELLROY, James. *Perfidia*. New York: Knopf, 2014.

## **Bibliografia**

BOILEAU, Pierre & NARCEJAC, Thomas. **O Romance policial**. São Paulo: Ática, 1991.

KRISTEVA, Julia. **Poderes de la perversión**. México, D.F: Siglo XXI Editores, 1988.

NEIMAN, Susan. **O mal no pensamento moderno**: uma história alternativa da filosofia. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

PIGLIA, Ricardo. “Sobre o gênero policial.” *In*: **O Laboratório do Escritor**. São Paulo: Iluminuras, 1994.

POWELL, STEVEN (ed.). **Conversations with James Ellroy**. Jackson: University Press of Mississippi, 2012.